

CINZAS DO NORTE: UM NOVO OLHAR PARA A AMAZÔNIA E PARA AS VOZES SUBTERRÂNEAS DA NARRATIVA

ASHES OF THE AMAZON: A NEW OUTLOOK ON THE AMAZON AND ON THE UNDERGROUND VOICES OF THE NARRATIVE

Marcia Geralda de Almeida 1
Marisa Corrêa Silva 2

Resumo: Este estudo versa sobre o romance *Cinzas do Norte*, do escritor amazonense Milton Hatoum, propondo que o universo narrativo da obra desconstrói estereótipos e ressignifica as narrativas sobre a região da Amazônia, uma vez que reconta fatos históricos apagados ou relegados ao esquecimento, devido ao processo de colonização. Trata-se de um estudo bibliográfico, de cunho interpretativo, em que se percebeu certo desconhecimento e escassez de informações acerca dessa literatura produzida na região da Amazônia, no que concerne ao âmbito literário nacional. Embora a produção literária da região não seja tão recente, seus autores são conhecidos quando muito nas universidades, em virtude do processo de apagamento e subalternização da cultura nativa, o que está relacionado com a influência eurocêntrica, mesmo após anos de independência da metrópole portuguesa. Em *Cinzas do Norte*, Milton Hatoum tece uma teia em que enreda personagens colonizadores e colonizados e cria uma tensão que evidencia uma Amazônia desconhecida pelos próprios brasileiros, um universo plural e culturalmente rico. No romance, a presença de mais de um narrador abre espaço para as vozes subterrâneas da narrativa e para fatos [históricos] silenciados que, tal qual a literatura produzida na região amazônica, precisam ser conhecidos e discutidos não só nas universidades.

Palavras-chave: Milton Hatoum. Literatura. Amazônia. Silenciamento. Apagamento.

Abstract: This study delves into the book *Cinzas do Norte* (*Ashes of the Amazon*), by Amazonian novelist Milton Hatoum, while positing that the narrative universe of the novel dismantles stereotypes and reframes the narratives about the Amazon region by recounting historical facts that had been either erased or consigned to oblivion, due to the colonization process. This is a bibliographical study of an interpretive nature, in which we noticed a certain unfamiliarity and scarcity of information about the literature developed in the Amazon region with regards to the national literary scope. Though the literary production from the region is far from recent, its authors are known, if at all, in the university setting, due to the process of erasure and subordination of the native culture, which is related to the Eurocentric influence, even years after the independence of the Portuguese metropolis. In *Ashes of the Amazon*, Milton Hatoum weaves a web where he entangles colonizer and colonized characters, and creates a tension that shows an Amazon unknown to Brazilians themselves, a plural and culturally rich universe. In the novel, the presence of more than one narrator makes room for the underground voices of the narrative and for silenced [historical] facts, which, much like the literature produced in the Amazonian region, need to be made known and discussed beyond the university environment.

Keywords: Milton Hatoum. Literature. Amazon. Silencing. Erasure.

Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5056935656817013>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7093-893X>. E-mail: marcialmeida57@gmail.com 1

Doutora pela Universidade Estadual de Maringá. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9920083943675526>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9692-7374>. E-mail: mcsilva5@uem.br 2

Introdução

Antes de tratar do romance de Milton Hatoum, convém discorrer a respeito da Literatura produzida na Amazônia, em torno da qual existem discordâncias e consensos acerca das nomenclaturas que lhe são atribuídas e do estigma do regionalismo. De acordo com o artigo de Aires (2015), a necessidade de debater sobre os aspectos locais e universais na literatura brasileira é uma influência do Romantismo, que surgiu como uma resposta [burguesa] à cultura e literatura hegemônica, no final do século XVIII, mas, mais tarde no Brasil, incorporou-se na busca identitária nacionalista, desvinculada da metrópole portuguesa. O autor explica que apesar de a literatura brasileira tentar desvincular-se da metrópole, ela continuava espelhando-se nos modelos do Romantismo europeu, nomeadamente, as literaturas francesa e inglesa, de modo que, naquele momento, o desafio dos autores brasileiros era apropriar-se desses modelos, mas subverte-los e criar uma literatura própria.

É desse processo de resgate identitário que provêm as discussões a respeito da literatura local, a qual para uns deveria ser denominada de acordo com seu lugar de origem, ao passo que para outros, a literatura concebida como arte universal não deve se restringir a regionalismos.

No texto *“Literatura paraense existe?”*, por exemplo, o professor Paulo Nunes (2008) compreende essa adjetivação pátria como desnecessária, posto que ela contradiz a premissa de todo fazer artístico, isto é, a universalidade. Ademais, para o pesquisador, o uso do adjetivo paraense tinha sentido até a década de 90, como forma de resistência, em um momento no qual o Estado do Pará enfrentava um processo de redemocratização, mas para além disso, essa adjetivação pode ser “uma armadilha montada por aqueles que tentam perpetuar-nos como frutos de uma cultura exótica, regional, incapaz de difundir sentimentos universalistas” (NUNES, 2008, s/p). Para demonstrar o oposto, Paulo Nunes cita os poemas de Bruno de Menezes e Salomão Lorêdo, bem como os romances de Dalcídio Jurandir, os quais tratam de temas universais. Portanto, o autor propõe utilizar um termo menos restritivo, ou seja, “literatura brasileira de expressão amazônica” para referir-se à literatura produzida na/sobre a Amazônia, evitando, assim, que a adjetivação pátria resulte na fragmentação da literatura nacional.

O professor José Guilherme Fernandes (2004), por sua vez, discorda de Paulo Nunes ao preferir o termo Literatura da Amazônia, pois para ele a preposição “de” indica a origem de algo. Ademais, o professor considera que a visibilidade da literatura da região amazônica “depende muito mais das condições de circulação e recepção dessa produção, que indiscutivelmente é de qualidade, por seu caráter local que desfralda o universal” (FERNANDES, 2004, p. 116).

Em contrapartida, o romancista e dramaturgo Márcio Souza considera desnecessária qualquer nomenclatura como “Literatura Amazônica”, uma vez que a denominação é restritiva e, para ele, trata-se de um rótulo que se deve evitar, ou seja, é preciso “fugir do risco de nos deixarmos capturar em guetos, onde os parâmetros de recepção de nossas obras não são de excelência literária, mas fruto da condescendência porque somos pobres e moramos longe” (SOUZA, 2014, p. 26). Para Márcio Souza, a Amazônia possui autores de qualidade, porém o que precisa existir é um compromisso dos escritores com os leitores amazonenses, e isso “[...] é tão fundamental, que nem mesmo importa a questão da região ou a necessidade do escritor da Amazônia falar de sua própria região. Somente fará sentido ser escritor da Amazônia quando for possível um escritor ser lido não apenas no território de sua língua” (SOUZA, 2014, p. 30).

Nomenclaturas à parte, o fato é que os autores mencionados anteriormente concordam a respeito da qualidade da literatura produzida na região da Amazônia brasileira, o que reforça a questão da visibilidade dessa literatura que, seja pelo cânone, pela crítica literária ou pelas demandas da indústria cultural, é consumida por poucos grupos, normalmente, nas universidades. Aires (2015, p. 133) destaca que “[...] Mesmo com a noção dessa pluralidade de vivências, o que chega à grande maioria da população dentro das fronteiras nacionais é o ideal de homogeneização, afirmado e reproduzido pelos maiores veículos de comunicação”. Dito de outro modo, embora essa literatura seja de uma riqueza ímpar e faça parte do acervo cultural e artístico brasileiro, ela não chega aos leitores, o que corrobora a perpetuação do cânone,

na medida em que relega a literatura de expressão amazônica a um regionalismo excludente.

A obra de Milton Hatoum faz parte dessa literatura brasileira proveniente da Amazônia e, assim como as obras de Dalcídio Jurandir, não se restringe ao regionalismo, pois trata de temas universais, tais como a decadência familiar, a imigração, busca identitária, ditadura e etc. Hatoum é um dos poucos autores da região Norte cuja obra ganhou maior visibilidade nacional, talvez em virtude de ter se mudado para São Paulo, entretanto, o universo de suas narrativas continua sendo o Norte, excetuando-se o romance *A noite de espera*.

Milton Hatoum é autor de *Amazonas: palavras e imagens de um rio entre ruínas* (1979), um livro de poemas, além de ter publicado, em coautoria com Benedito Nunes, o livro *Crônicas de duas cidades: Belém e Manaus* (2002). Publicou também o *Relato de um Certo Oriente* (1989 – ganhador do prêmio Jabuti de melhor romance), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005 – ganhador do prêmio Jabuti de melhor romance nacional, além dos prêmios BRAVO!, APCA e Portugal Telecom de Literatura de 2006) (PINHEIRO, 2012). Em 2008 lançou a novela *Órfãos do Eldorado* e, em 2009, publicou o livro de contos *A cidade Ilhada*. Sua publicação mais recente é o primeiro volume do romance *A noite de espera* (2017).

Conforme Leal (2010) e Vicenzi (2009) (além de outras fontes), Milton Assi Hatoum nasceu em Manaus (em 19 de agosto de 1952), é filho de imigrantes Libaneses, e durante a infância estudou na capital amazonense; mudou-se sozinho para Brasília na adolescência, com apenas 15 anos, e depois foi estudar na Universidade de São Paulo, onde graduou-se em arquitetura, no ano de 1978. Em 1980, Hatoum foi para Barcelona como bolsista, e depois para Paris, onde fez pós-graduação em literatura hispano-americana, retornando em 1984 para Manaus com o fim da ditadura. O escritor lecionou na Universidade da Califórnia, em Berkeley, e quando retornou para o Brasil lecionou Língua e Literatura Francesa, na Universidade Federal do Amazonas até 1999.

O escritor é um estudioso da obra de Euclides da Cunha e sua escrita recebe influências de autores como Machado de Assis, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Gustave Flaubert, Marcel Proust (LEAL, 2010; MAGALHÃES, 2010; BRAGA, 2013). Além de ficcionista, ensaísta e professor universitário, Hatoum também é tradutor, tendo traduzido o conto de Gustave Flaubert (1821-1880), *Um coração simples*, que teria exercido influência sobre a criação da personagem Domingas, do romance *Dois Irmãos* (BRAGA, 2013). O autor traduziu também um conto de Marcel Schwob (1988) e um conto de George Sand (2005), além da obra *Representações do Intelectual* (2005), de autoria do árabe Edward Said.

Milena Magalhães (2010, p. 151) afirma que a obra de Hatoum “não se enquadra em nenhuma das determinantes da ficção contemporânea”. Ao referir-se ao escritor manauara, o pesquisador Wilton Miranda Junior (2013, p. 15) pauta-se em uma antologia organizada por Telles (1996) e declara que a obra literária de Hatoum difere dos demais autores amazonenses pela “maneira refinada e foco na intimidade das personagens”, embora não deixe de se preocupar com o espaço da região amazônica. A pesquisadora Noemi F. Vieira (2007, p. 10) pontua que a literatura de Hatoum rompe a tendência regionalista de focalização do exótico e do natural, ao explorar o interior do Brasil; assim, o autor [Milton Hatoum] opta por expor [...] “os embates vividos pelo homem cidadão que parece perder suas referências individuais em face do sentimento de isolamento, ansiedade e alienação diante do turbilhão de inovações da vida moderna”.

Contudo, para este estudo, é precipitado valorar a obra de Hatoum em detrimento das demais obras do Norte, sem a realização de uma pesquisa mais detalhada, o que não é o objetivo, neste momento. Porém, aqui também se origina uma reflexão acerca dos parâmetros de valoração da obra literária, afinal de contas muitas obras foram reconhecidas muito depois de sua composição. Um exemplo disso são as peças do comediógrafo Martins Pena, que foram “consideradas de menor valor por seus contemporâneos”, entretanto, teóricos como Iná Camargo Costa, Vilma Arêas e Antonio Candido demonstraram que Martins Pena “[...] produziu as peças que melhor representaram a sociedade de sua época, enquanto os outros autores insistiam numa representação do ideal burguês que inexistia no país; isso talvez se justifique pelas influências do teatro francês [...]” (ALMEIDA, 2019, p. 108).

A dissertação de Bruno Leal (2010), intitulada *Nas trilhas de Milton Hatoum: um breve*

estudo de uma trajetória intelectual, trata da questão da importância de focalizar a terra natal, pois afirma que a literatura produzida no Amazonas padece com a falta de investimento, fazendo com que os autores migrem para o sul e sudeste do país e com que a produção literária da região seja escassa e pouco valorizada. Além de Milton Hatoum, Leal cita os nomes de poucos autores da região como: Abguar Bastos (escritor paraense), Ferreira de Castro (um escritor português que viveu no Brasil na década de 1910, autor do livro *A selva*), Francisco Galvão (autor do livro *Terra de ninguém*, no qual denuncia a exploração dos trabalhadores nos seringais) e Márcio Souza (escritor e jornalista amazonense, autor do livro *Galvez-imperador do Acre*, entre outras obras). Além desses autores, cita-se também o romancista paraense Dalcídio Jurandir, autor de *Belém do Grão-Pará*, romance sobre o qual o professor Paulo Nunes desenvolveu uma tese, intitulada *Útero de areia, um estudo do romance 'Belém do Grão-Pará', de Dalcídio Jurandir*. Conforme destacado anteriormente, verifica-se que dentre os escritores mencionados, Milton Hatoum é o autor cuja literatura possui visibilidade nacional atualmente. Isso reforça o questionamento: porque essa literatura produzida no Brasil, ou que representa uma parte do Brasil, é tão pouco conhecida pelos próprios brasileiros? De acordo com a tese de Paulo Nunes (2007, p. 18 -19), trata-se de uma questão ligada à crítica literária e ao mercado, pois

[...] o cânone literário, no Brasil, tem, tradicionalmente, primado por centrar seu olhar nas obras produzidas no centro-sul, o espaço mais desenvolvido, porque mais rico, do país. Os autores das periferias que desejarem alcançar algum êxito, devem, geralmente, deslocar-se para o eixo Rio de Janeiro/São Paulo, onde as editoras e a imprensa especializada detêm espaço privilegiado para manifestar-se. Neste diapasão encontra-se a obra de Dalcídio Jurandir, que, desde 1941, quando lança *Chove* (Prêmio Vecchi/ D. Casmurro), até 1979, quando veio a falecer, não foi ignorada pela crítica literária nacional. Após sua morte, entretanto, o autor passou quase trinta anos fora das grandes casas publicadoras do Brasil.

Todavia, em consonância com Bosi, Nunes (2007, p. 23) reconhece que há na região Norte autores que “caem na armadilha facilitadora do regionalismo barato”, porém esse não é o caso de Dalcídio Jurandir, romancista estudado pelo pesquisador. Por outro lado, Nunes menciona o livro *Como e por que ler o romance brasileiro* (2004), de Marisa Lajolo e observa que:

ao mapear, a partir de uma perspectiva pessoal de leitura, o romance nacional ignora quase que totalmente o romance produzido na Amazônia. Lajolo cita, apenas de passagem, a obra de Milton Hatoum. Assim, a Amazônia, mais uma vez, em publicação recente, de autora renomada, deixa de figurar no mapa do romance nacional brasileiro. Fato semelhante ocorre com Manuel da Costa Pinto, na revista *Entre Livros*, que destacou os 50 personagens “que são a cara do Brasil”. No que se refere à Amazônia, o crítico citou Omar e Yakub, de *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. Escolha justa, embora lacunar. Eutanázio, a meu ver – veja-se o critério pessoal aí envolvido – não poderia estar excluído de uma seleção como esta (NUNES, 2007, p. 21).

Portanto, o autor considera o desconhecimento da literatura produzida na Amazônia como uma lacuna na literatura nacional, de modo que essa falta de conhecimento ou visibilidade parece ter razões mais amplas, além da questão regionalista. Conforme se verifica no excerto, Milton Hatoum é o único escritor mencionado e, ainda assim, de modo superficial.

A partir de um contexto mais amplo, a tese da jornalista Vânia Torres Costa (2011), intitulada *À sombra da floresta: os sujeitos amazônicos entre estereótipo, invisibilidade e colonialidade no telejornalismo da Rede Globo*, declara que a desvalorização da região da Amazônia é

uma questão política e econômica, que tem suas raízes ainda na colonização. A pesquisadora apresenta argumentos para afirmar que a região conhecida antes como Grão-Pará não era considerada como parte do Brasil, de modo que a “antiga Capitania só começou a se aproximar do restante da nação a partir de 1808, com a vinda da família real para o Brasil. As distâncias geográficas e a inexistência de uma política de ocupação” foram fatores que determinaram essa segregação (COSTA, 2011, p. 228). Ainda de acordo com essa autora, apenas na “segunda metade do século XIX, com o ciclo da borracha, [o Grão-Pará] passa a existir como fronteira econômica importante e assim se constitui para a memória nacional oficial” (COSTA, 2011, p. 228), e não fosse o valor dos recursos naturais, a região permaneceria isolada.

De certa maneira, as narrativas de Milton Hatoum abordam a importância da região amazônica para seus habitantes, principalmente, os fatos que passaram por uma tentativa de apagamento. Apesar de as referências ao período ditatorial, por exemplo, serem mais acentuadas em *Dois Irmãos e Cinzas do Norte*, a novela *Órfãos do Eldorado* também toca em outras questões referentes ao contexto sócio histórico, quando trata da decadência do ciclo da borracha, além de valorizar o legado mítico que enriquece a cultura amazonense que, devido ao processo de rebaixamento e apagamento da cultura nativa, perdeu-se, desvalorizou-se, no âmbito da cultura nacional. Contudo, Hatoum (2008, p. 106) destaca:

[...] percebi que o mito do Eldorado era uma das versões ou variações possíveis da Cidade Encantada, que, na Amazônia, é refletida também como uma lenda. Mitos que fazem parte da cultura indo-europeia, mas também da ameríndia e de muitas outras. Porque os mitos, assim como as culturas, viajam e estão entrelaçados. Pertencem à História e à memória coletiva.

Em *Órfãos do Eldorado*, um dos personagens de Hatoum (Armino Cordovil) se apaixona por uma moça (Dinaura) sobre a qual paira um mistério, e ele relata que “[...] alguém espalhou que a órfã era uma cobra sucuri que ia me devorar e depois me arrastar para uma cidade no fundo do rio” (HATOUM, 2008, p. 34); outras vezes, os conhecidos de Armino afirmavam que Dinaura “[...] era cativa de um desses bichos terríveis que atraem mulheres para o fundo das águas. E descreviam o lugar onde ela morava: uma cidade que brilhava de tanto ouro e luz” (HATOUM, 2008, p. 64), ou seja, a *Cidade Encantada* da qual o avô de Milton Hatoum falava quando contava histórias sobre o povo amazonense, quando o autor ainda era um menino (HATOUM, 2008).

Ademais, são frequentes em *Cinzas do Norte*, e no livro de contos *A cidade Ilhada*, as referências ao artista italiano Domenico de Angelis, cuja pintura ainda adorna o Teatro Amazonas, os quais remetem ao próspero ciclo da borracha, a *belle époque* amazonense. Em certa medida, a escrita é uma maneira de Hatoum levar ao restante do Brasil a história, a cultura, a voz de uma região sobre a qual prevalece uma série de discursos hegemônicos que não condizem com a realidade. A partir de *Cinzas do Norte*, este estudo tenta demonstrar como Milton Hatoum (seja intenção dele ou não) ressignifica a história dessa região que também é Brasil.

A narrativa amazonense: entre apagamentos, silenciamentos e vozes subterrâneas

De acordo com a pesquisa de Otoni Mesquita (2006, p. 16), “a origem da cidade de Manaus data do século XVII, quando os portugueses passaram a explorar a região amazônica em busca de escravos indígenas”. Conforme pontua Milton Hatoum, o nome da sua cidade natal está relacionado com o nome de um dos mais importantes grupos étnicos da Amazônia, os indígenas Manaos, que “[...] foram, em grande parte, exterminados na segunda década do século XVIII”, em virtude de “batalhas sangrentas entre soldados portugueses e índios Manaos” (HATOUM, 2006, p. 50).

A tese da jornalista Vânia Costa (2011), por seu turno, traz discussões acerca do lugar do Estado do Amazonas no cenário brasileiro, pois defende o ponto de vista de que, embora

faça parte do país, para muitos brasileiros, a região da Amazônia [que compreende não só o Estado do Amazonas, mas também outros estados brasileiros] permanece desconhecida e esquecida. Segundo Costa (2011), antes de os portugueses chegarem à região Norte do Brasil, os espanhóis já haviam andado por aquelas terras, mas foi somente em 1616 que os portugueses se estabeleceram no lugar que hoje é conhecido como Belém do Pará; entretanto, os lusitanos passaram mais de trinta anos disputando o domínio desse território contra outros estrangeiros. Ao expor esses dados, o ponto em que Costa (2011) almeja chegar é demonstrar que, em nome da criação da nacionalidade brasileira, e em virtude do desconhecimento dos demais brasileiros, muitos fatos referentes à Amazônia foram apagados da memória coletiva e da história, e isso fez com que se criasse um estereótipo do povo amazonense, e da região Norte de modo geral, o qual não exprime toda a diversidade cultural e étnica dessa região. De certo modo, a obra de Milton Hatoum recupera essa história não contada, de povos quase desconhecidos, de uma terra também desconhecida que cresceu de maneira antitética, entre a miséria e a ostentação. *Cinzas do Norte* é uma revelação desse contraste.

Portanto, o contexto sócio histórico de *Cinzas do Norte* é importante para a construção narrativa, e não se revela apenas como pano de fundo, que deixa de ter importância quando os problemas familiares são resolvidos; a crise decorrente das transições política e econômica não funciona como mera extensão metafórica da crise familiar, visto que os problemas familiares e sociais estão entrelaçados e, mesmo quando a família se desfaz, o contexto histórico continua sendo transformado e transformando a vida dos personagens que ficaram. Depois da morte de Raimundo, por exemplo, Olavo vai ao Rio de Janeiro e cumpre a promessa de visitar Alícia e quando Naiá pergunta sobre Manaus, ele responde: “Cresceu com muita miséria.” (HATOUM, 2005, p. 287), ou seja, a modernização se instalou na cidade de maneira precária, depois da reforma urbana do Coronel Zanda, mas Ramira, Olavo, Ranulfo, Arana e Macau continuaram convivendo com os resultados dessa reforma.

No livro *Crônica de duas cidades: Belém e Manaus*, escrito em parceria com Benedito Nunes, Milton Hatoum afirma que:

O brusco crescimento demográfico de Manaus revela também a face perversa de uma modernização inacabada ou falha [...] Quando hoje presenciamos as deploráveis condições de habitação nas dezenas de bairros da periferia de Manaus, esquecemos que essa miséria urbana tem fundas raízes no vazio econômico do interior do Amazonas, mas faz parte também do processo histórico da cidade e de sua política excludente (HATOUM, 2006, p. 55).

A questão da miséria e da exclusão no Amazonas parece ser um tema espinhoso para Hatoum, tanto que o assunto aparece em *Dois Irmãos* e *Cinzas do Norte*. Um dos exemplos disso é o trecho que demonstra a naturalização da exploração e da miséria relacionadas à construção do Novo Eldorado, um bairro que fora construído precariamente sob a ordem do Coronel Zanda e com a ajuda de Trajano. Mundo odiava o bairro, cujo nome carregava a promessa, não cumprida, de um paraíso escondido.

Visitara as casinhas inacabadas do Novo Eldorado, andara pelas ruas enlameadas. Casinhas sem fossa, um fedor medonho. Os moradores reclamavam: tinham que pagar para morar mal, longe do centro, longe de tudo... Queriam voltar para perto do rio [...] Os moradores do Novo Eldorado eram prisioneiros em sua própria cidade (HATOUM, 2005, p. 148).

Conforme o excerto de *Cinzas do Norte*, exposto anteriormente, não bastasse a miséria, havia também as feridas decorrentes das péssimas condições de trabalho, que eram retribuídas com migalhas; porém os trabalhadores aceitavam e se conformavam, enquanto os patrões

pensavam estar fazendo atos de caridade ao promover moradia para os trabalhadores que garantiam a riqueza dos donos dos meios de produção. E o pior, moradia ruim, em condições sub-humanas.

A narrativa entrelaça-se à realidade quando lemos as palavras de Milton Hatoum, no livro *Crônica de duas cidades*, no qual ele afirma que os administradores e políticos amazonenses idealizaram um projeto de urbanização higienizada que obliterava toda a tradição cultural dos povos nativos da Amazônia. Por outro lado, o cronista manauara considera que, apesar desse processo de apagamento, a tradição indígena sobrevive e permeia o Norte brasileiro, muito embora seja:

[...] Às vezes, é uma presença soterrada, passado que se pretende morto, à semelhança dos cemitérios indígenas de Manaus, sobre os quais foram erguidos vários edifícios, símbolos da arquitetura do poder e da civilização. No entanto, os costumes, a habitação popular, a culinária, e até mesmo a língua portuguesa - em cujo vocabulário conta o étimo de vários troncos linguísticos de nações indígenas -, tudo isso traduz formas de uma tradição cultural fortemente arraigada nas cidades amazônicas. Basta pronunciarmos o nome de uma fruta, de um peixe, de uma árvore, ou o nome da cidade (Manaus), para que reacenda em nós uma chama dessa tradição indígena, dessa ausência que nos anima e que, mesmo a nossa revelia, se faz presente e presença (HATOUM, 2006, p. 52).

Ao refletir a respeito do apagamento, é importante levar em consideração o aspecto narrativo, uma vez que o ato de narrar um fato está relacionado com a memória, mas também com os interesses de quem se propõe a narrar. Para Marcio Seligmann-Silva (2003), a narração de um fato é uma faca de dois gumes, dado que, como instrumento da memória, pode ser positiva, mas também negativa. Isso porque ao narrar, o dono do discurso pode manipular os fatos e deturpá-los, de acordo com interesses particulares. O exemplo mencionado pelo autor refere-se aos acontecimentos do Holocausto, cujas mortes e atrocidades foram apagadas em muitas narrativas infieis à realidade, de maneira que pior que o esquecimento é o apagamento que faz com que pareça que os fatos nunca tenham acontecido. Esse raciocínio se aplica à história da Amazônia, na medida em que as narrativas oficiais velaram toda a luta e resistência indígena contra o domínio pelo colonizador, assim como o genocídio e a criação da imagem do nativo obediente, primitivo e intelectualmente inferior.

No texto intitulado *A Memória Coletiva*, Maurice Halbwachs (1990) diferencia memória e história, afirmando que a primeira depende da existência de um grupo de indivíduos que viveram os fatos e por isso retêm memórias sobre eles, ao passo que a história se baseia no registro escrito de fatos vividos por indivíduos que ficaram no passado. Para Halbwachs (1990, p. 80), a história “[...] é a compilação dos fatos que ocuparam o maior espaço na memória dos homens. Mas, lidos em livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são escolhidos aproximados e classificados”, ou seja, é um registro que passa por uma espécie de seleção; eventualmente, essa seleção pode excluir certos dados que compunham a memória do grupo ao qual se refere, uma vez que o registro é feito no presente, por indivíduos que não viveram os fatos.

No texto *Memória, esquecimento, silêncio*, o sociólogo Michael Pollak (1989, p. 4) utiliza o termo “subterrâneo” para referir-se às memórias das minorias sociais que se opõem à “memória oficial”. Dito de outro modo, as memórias subterrâneas seriam um tipo de memória não-oficial e, segundo o autor, considerar as memórias subterrâneas é uma maneira de evidenciar “o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional” (POLLAK, 1989, p. 4). Entretanto, ele argumenta que a memória oficial é fortalecida pela sua credibilidade, pela aceitação entre os indivíduos e pela sua organização, de modo que é difícil destituí-la de sua posição para dar lugar à memória subterrânea. Estas questões acerca da memória e da história estão relacionadas com o discurso dominante, pois a maneira mais eficaz de disseminar e per-

petuar determinado pensamento é por meio do discurso.

Essas considerações conduzem ao pensamento de que, apesar da riqueza, conforme pontua Paulo Nunes (2008), a literatura produzida da Amazônia ainda sofre os efeitos desse longo processo de apagamento e subalternização, que precisa ser revertido, a fim de que as vozes subterrâneas venham à superfície e alcem voo em todo território nacional.

***Cinzas do Norte* e Milton Hatoum: a necessidade de revisitar um lugar, recontar uma história**

O romance *Cinzas do Norte*, publicado em 2005, conta a estória da família Mattoso e da cidade de Manaus. E Milton Hatoum opta por narrar essa estória sob a ótica de mais de um narrador, o que se torna uma característica relevante quando se pensa nos apagamentos e esquecimentos subjacentes à história de Manaus. O narrador principal (Olavo) utiliza-se da primeira pessoa, mas mantém certo distanciamento dos fatos narrados, pois embora faça parte da narrativa, ele conta a estória de Raimundo Mattoso (designado pelo apelido Mundo) e da decadência da família Mattoso, fatos que ele presenciou e/ou ouviu dos tios; assim, Olavo inicia sua tarefa de narrar da seguinte maneira: “Li a carta de Mundo num bar do Beco das Cancelas, onde encontrei refúgio contra o rebuliço do centro do Rio e as discussões sobre o destino do país” (HATOUM, 2005, p. 9).

O lugar onde Olavo lê a carta de Mundo (Beco das Cancelas), depois da morte do amigo, é significativo, pois trata-se de uma pequena rua, localizada no Rio de Janeiro, que dava acesso aos bairros nobres da cidade, no período colonial; o nome Beco das Cancelas provém do fato de que para ter acesso a esses bairros era necessário pagar um valor e passar pela cancela. Assim, Olavo parece estar sempre ocupando um espaço intermediário dentro do conflito, um posicionamento aparentemente neutro de quem apenas faz o inventário dos fatos.

O outro narrador presente nas cartas endereçadas a Mundo (tio Ranulfo) também faz uso da primeira pessoa, porém seu posicionamento demonstra mais proximidade em relação aos fatos que conta; seu ponto de vista é bastante diferente do ponto de vista de Olavo e sua narração possui um tom mais particular, pois ele narra fatos ligados ao seu relacionamento amoroso com Alícia (mãe de Raimundo) e alguns fatos sobre a infância do menino; portanto a focalização de ambos narradores é diferente, de sorte que a percepção de cada narrador sofre influência de suas respectivas subjetividades. Há ainda detalhes dessa estória que são revelados pelas cartas de Raimundo, que se inscreveria na narrativa como um terceiro narrador (PINHEIRO, 2012), porém a quantidade de cartas enviadas pelo protagonista é inferior à quantidade de cartas de tio Ran. De qualquer modo, o que a presença desses ‘três’ narradores revela é a multiplicidade de versões que podem envolver a mesma história, de modo que sempre é possível que alguns dados não sejam revelados e sim relegados ao esquecimento e, assim, uma das versões prevalecerá sobre a outras.

De algum modo, a estrutura ficcional de *Cinzas do Norte* é análoga à relação entre memória e história descrita por Maurice Halbwachs (1990), de forma que a narrativa de Ranulfo, embora mais reduzida, resgata fatos que o narrador oficial desconhece e os insere na composição do universo narrativo. Assim, o narrador não-oficial (Ranulfo) tenta impedir o apagamento de fatos da memória individual e, assim, colabora para a composição da memória coletiva acerca da história da família Mattoso e de Manaus. Halbwachs (1990) trata da existência de uma memória individual e uma memória coletiva, isto é, o indivíduo possui lembranças de suas vivências pessoais e outras lembranças de situações vividas em grupo; essas lembranças se entrelaçam e complementam, porém, a memória histórica parte das vivências coletivas que são organizadas de acordo com marcações temporais, eventos importantes e etc. Isso é relevante, na medida em que permite perceber que a memória histórica depende de quem a registra e pode negligenciar fatos que compõem apenas a memória individual.

Ao dar voz a mais de um narrador, o romance *Cinzas do Norte* demonstra a importância das memórias individuais para a compreensão e composição do contexto histórico mais amplo e possibilita conhecer a história sob outro ângulo. Ranulfo se insere na narrativa como uma voz subterrânea, nos termos de Pollak (1989), e é por meio dessa voz que as péssimas condições

de vida e de trabalho, assim como a exploração dos povos ribeirinhos, ganham visibilidade no romance. Ranulfo é um personagem avesso às demandas do sistema capitalista e ao regime ditatorial e, portanto, tinha um modo de pensar que incomodava a elite manauara. Seu discurso para os moradores do bairro Novo Eldorado dizia: “‘Vocês foram enganados; prometeram tudo, e olha só que lugar triste... triste e longe do porto’” (HATOUM, 2005, p. 211).

O espaço da narrativa é a cidade de Manaus, no contexto do regime militar e da ditadura instaurada em 1964, mas é ambientado por dois cenários distintos e contrastados, isto é, o ambiente de riqueza habitado pela família Mattoso e pelos militares, contrapondo-se ao ambiente adornado pela pobreza, como o bairro Novo Eldorado, as casinhas de Okaima Ken, até mesmo a Vila da Ópera, onde viviam o narrador principal e seus tios (GOMES, 2007).

O romance possui dois núcleos familiares importantes que, assim como a ambientação, marcam o caráter antitético da obra, pois ao mesmo tempo que se contrapõem, devido às desigualdades sociais, também se entrelaçam. De um lado, a tradicional e rica família Mattoso, composta por Trajano Mattoso (Jano), a esposa Alcía Dalemer Mattoso e o filho Raimundo Mattoso (Mundo), moradores de um palacete em um bairro rico de Manaus. De outro lado, a família do narrador, Olavo (Lavo), que por ter ficado órfão ainda pequeno fora criado pela tia Ramira e pelo tio Ranulfo; Ramira era uma afamada costureira da cidade e do seu ofício tirava o sustento da família, ao passo que o irmão Ranulfo, um boêmio, fazia alguns ‘bicos’ e antes do regime militar trabalhara como radialista noturno. Não é por acaso que o primeiro núcleo familiar possui sobrenome, enquanto os personagens do segundo núcleo familiar são designados apenas pelos primeiros nomes, isto é, não há qualquer menção a seus sobrenomes, o que está relacionado tanto com a condição social de ambas as famílias como também com a tradição patriarcal arraigada ao nome. Em síntese, *Cinzas do Norte* é constituído pela dualidade em diferentes aspectos: possui dois narradores (Olavo e Ranulfo), dois ambientes opostos (miséria e ostentação), dois núcleos familiares (a tradicional família Mattoso, de descendência portuguesa, e a família sem sobrenome de Olavo), além da amizade entre dois jovens (Raimundo e Olavo) que representavam, respectivamente, a revolta e a resignação.

De acordo com esta releitura, a escolha dos nomes e sobrenomes dos personagens (bem como a ausência deles) desperta a atenção para a questão da (in)visibilidade do sujeito. Note-se que a família mais importante de Manaus, a família Mattoso, descende de portugueses, ao passo que os sobrenomes dos demais personagens são ignorados, tanto no sentido de desconhecimento quanto no sentido de ausência de valorização. De acordo com uma das cartas de Ranulfo, Alcía e Algisa não tinham sequer “[...] *certidão de nascimento, não eram ninguém, apenas dois seres neste mundo, vivendo com uma índia que também não tinha nada. Quer dizer, tinham o primeiro nome, e o pessoal do bairro deu a elas o apelido de Dalemer [...]*” (HATOUM, 2005, p. 158); Dalemer era o sobrenome do homem que trouxera as duas meninas e a mãe para morarem no Morro da Catita, supostamente, um herdeiro de terras de uma família antiga. A carta de Ranulfo é uma espécie de confirmação do anonimato e desvalorização dos personagens das classes mais pobres, ao ponto de serem insignificantes para o sistema social. De certo modo, essa questão está ligada à colonização portuguesa e à dominação da população indígena, tanto é que as aulas de história tratam da colonização sob a ótica do colonizador, de modo que dificilmente um aluno saberá quem foi Ajuricaba, um líder guerreiro da tribo Manaos, mas sabe quem foi Pedro Alvares Cabral.

Desde pequeno, o protagonista de *Cinzas do Norte*, Raimundo tinha o desejo de ser artista, um pintor e desenhista nato, nascera em berço de ouro, mas não se conformava com a miséria a sua volta, morrera muito jovem sem conseguir realizar o desejo de viver de sua arte. Ele era o esperado herdeiro da família Mattoso, mas esse título nunca o agradara, pois desde cedo, sua relação com o pai fora marcada por conflitos que, em certa medida, devem-se ao choque entre gerações, devido às díspares concepções a respeito do mundo e da vida, as quais criam grande tensão entre pai e filho; Trajano tinha grandes planos para seu herdeiro, mas este queria ser artista e viver de sua arte, o que contrariava todas as pretensões futuras de Trajano. Ao pensar na questão da família tradicional e do sobrenome, exposta anteriormente, é possível considerar que Mundo não refuta somente a condição de herdeiro, mas também o próprio sobrenome, nega a tradição e escolhe para si o apelido que remete aos demais sujeitos

anônimos do romance (Mundo), que como ele são “[...] menos que uma voz” (HATOUM, 2005, p. 311).

Em certa ocasião, Mundo observava indígenas que se alimentavam, sentados no chão de uma casa abandonada, e dissera para Lavo que se o pai [Trajano] visse tal cena diria que esses índios “eram preguiçosos e vagabundos” (HATOUM, 2005, p. 45). É preciso destacar que esta é uma questão cultural que está arraigada a visão corrente no mundo capitalista, baseado na circulação de capital. De acordo com a tese de Vânia Costa (2011) essa visão acerca do trabalho é herança antiga, proveniente da colonização portuguesa, que tratou de promover, na região amazônica, um processo de civilização que se sobrepunha ao modo de vida, à cultura e aos conhecimentos indígenas.

Para os colonizadores, a indiferença indígena em relação “à riqueza comercial da flora, da fauna e, principalmente, do subsolo, que provavelmente guardaria tesouros imensuráveis, parecia incompreensível” (COSTA, 2011, p. 35), de maneira que o desinteresse dos nativos pelo comércio e pelo trabalho era um obstáculo ao desenvolvimento. Portanto, esse tipo de pensamento não é exclusivo de Trajano, mas é uma concepção de mundo e de trabalho bastante comum, na Amazônia e na sociedade brasileira como um todo, pois é resultado do apagamento da cultura indígena, que é instaurado pelo etnocentrismo europeu; assim, o pensamento etnocêntrico europeu justifica a atividade econômica de Trajano, já que ele é dono dos meios de produção; enquanto os povos indígenas produziam apenas para consumo, o homem branco trouxe de Portugal a cultura do acúmulo de bens, um ponto de vista que se tornou uma espécie de *significante-mestre*¹, ou seja, uma visão que foi naturalizada e cristalizada como verdade absoluta e, por isso, não causa estranhamento, ao contrário, encontra adeptos.

Os apontamentos evidenciados anteriormente são importantes, pois demonstram a influência eurocêntrica sobre a memória coletiva e sobre o apagamento da identidade e cultura dos povos nativos e a criação de uma nova identidade nacional. De acordo com a pesquisadora Vânia Costa, portanto, na Amazônia:

As versões, tornadas memórias, são a do indígena subjugado e inferior na escala evolutiva postulada pelos europeus. Eles apareciam como personagens domados, domesticados, apagados. Ao classificá-los como primitivos, preponderava o discurso da incapacidade desses povos para possuir tão vasta terra, o que seria historicamente lembrado para justificar a conquista, a posse, a exploração, a violência e ainda hoje aparece nos questionamentos nacionais relativos à vastidão e imensidão dos territórios indígenas (COSTA, 2011, p. 37).

O pensamento de Costa (2011) evidencia que as narrativas sobre a Amazônia desconsideram a complexidade das sociedades indígenas que já viviam há muito tempo na região Norte, além de ocultarem a resistência indígena à dominação colonial, a violência e a exploração, as quais não se restringem apenas ao período colonial.

Milton Hatoum, por sua vez, contradiz essa narrativa que desqualifica o sujeito indígena, ao trazer a perspectiva de tio Ranulfo que, em uma de suas cartas, revela o conhecimento que Ozélia, a provável mãe de Alícia e Algisa (provável porque Ranulfo não tinha certeza sobre o parentesco da mulher com as meninas), possuía a respeito da terra, métodos de plantação, cultivo e preparação de alimentos, embora fosse considerada selvagem e estranha, pois mantinha distância dos vizinhos e não se comunicava. De acordo com Ranulfo: “*Ela [Ozélia] plantou mandioca e abacaxi atrás da casa, onde também construiu com a menina mais velha um forno de barro para torrar farinha*” (HATOUM, 2005, p. 154), pois ela preferia fazer a farinha ela mes-

1 Trata-se de um conceito proveniente do materialismo laciano. “O ‘significante-mestre’ (master-signifier), segundo Žižek (relendo Laclau e Mouffe), é um ponto central, vazio, nulo, a partir do qual a complexa rede de discursos concomitantes que lutam pela hegemonia dentro da sociedade pode ser observada e estruturada. Da mesma maneira que, na linguagem, os signos não possuem sentido *per se*, mas apenas através de suas relações de oposição com todos os outros, os elementos ideológicos só podem pretender ancorar a realidade na medida em que se articulam e contrastam uns com os outros” (SILVA, 2009, p. 215).

ma, o que denota conhecimento e independência.

Uma das cenas mais marcantes e significativas de *Cinzas do Norte*, conforme o ponto de vista desta releitura, toca o assunto da subjetividade humana, e desconstrói a ideia da imagem do indígena domado e obediente, uma vez que, independente da etnia, os seres humanos são complexos e plurais. Aqui abre-se um parêntese a respeito da relação entre literatura e história, a fim de advertir que a literatura não deve ser compreendida como espelho da história, ao contrário, a relação entre ambas reside no fato de que tratam do ser humano. Portanto, ressalta-se que, conforme Flory (2011), a literatura não é reflexo do mundo social, mas sim uma composição estética que ao tratar do ser humano, trata também de questões sociais inerentes a ele; porém o caráter estético da literatura não consiste em absorver o aspecto social, mas traduzi-lo por meio da linguagem, construindo sentidos novos, amplos e ressignificados.

O trecho a seguir é a reprodução da quarta carta de Ranulfo, mas, na verdade, alguns fatos relatados foram testemunhados por ele e outros foram contados a ele pelo cunhado. Neste excerto, Ranulfo conta sobre as aulas de etiqueta, matemática e português que as duas meninas recebiam de uma mulher com traços aparentemente europeus. Compreende-se que, por meio de seus personagens, Milton Hatoum ressignifica a trajetória do indígena, desmistificando o estereótipo irreal do indígena obediente e incapaz, criado pelas narrativas históricas oficiais.

Quando elas se distraíam ou ficavam caladas por muito tempo, a professora pegava a palmatória e rondava a mesa, dando umas batidinhas nas próprias coxas ou na bunda. Meu cunhado contou como a menina mais velha tremia de medo e chorava antes até de sentir a primeira pancada, e gritava e se contorcia depois o primeiro estalo, e a mulher abria e segurava com força a mão da menina até o fim do castigo. Depois fazia a mesma coisa na outra mão. Uma poça de urina crescia no chão de terra, e a professora interrompia a aula e mandava a menina ir trocar de roupa e limpar o tamborete. A outra, a mais nova, não chorava nem gritava, o corpo estremecia e dava um solavanco, o olhar fixo na palmatória que caía na mão aberta (HATOUM, 2005, p. 155)².

A cena descrita é bastante imagética e, por meio dela, percebe-se o quanto as personalidades das duas meninas são distintas, pois são duas subjetividades, o que torna a generalização da subjetividade indígena uma incoerência, uma desumanização, uma violência. Assim, a narrativa de Hatoum se constrói como oposição às narrativas que tentavam nacionalizar e domesticar a população indígena.

A imagem criada pelo excerto acima também pode ter outro sentido, isto é, o ato de alfabetizar as meninas significa a desvalorização do saber e da cultura nativa pelo colonizador, de modo que a relação da professora com as meninas é vertical, produz a ideia de superioridade que se dirige à inferioridade. Essa relação vertical nega o conhecimento indígena, transmitido por gerações entre seus descendentes (medicinal, culinário, de caça e pesca, a importância da relação do homem com a natureza, uma vez que ele é parte dela), entretanto esse ponto de vista é rechaçado pela narrativa de Hatoum, quando demonstra os conhecimentos de Ozélia, conforme exemplificado anteriormente, ao passo que os vizinhos dependiam do dinheiro para comprar os alimentos.

Por outro lado, o relato de Ranulfo também demonstra que as alunas não aceitam, de forma resignada, essa posição de tabula rasa que lhes é imposta, o que remete às verdadeiras condições da colonização da Amazônia. Segundo tio Ran, em uma das aulas,

² Esse excerto está reproduzido em itálico tal como é encontrado no romance de Milton Hatoum. Esses trechos em itálico correspondem às oito cartas escritas pelo personagem Ranulfo, que estão inseridas entre os capítulos e compõem a narrativa *Cinzas do Norte*. Portanto, este trabalho optou por transcrever os trechos das cartas exatamente como aparecem no romance, tendo em vista que essa alteração formal não é fortuita, ao contrário, corrobora a importância do narrador não-oficial.

[...] a mulher notou a falta do quadro-negro e da palmatória, os lábios finos e vermelhos tremeram; ela foi até o tabique, arrancou o mapa do Brasil e começou a enrolá-lo. A menina mais velha lhe atirou a cuia na cabeça, e nós todos vimos como o coque da mulher se desfez e o cabelo cobriu o rosto e os ombros. Ela largou o mapa no chão e saiu da casa, gritando ao homem que não queria ensinar mais nada para aquelas duas diabas (HATOUM, 2005, p. 157).

O trecho anterior permite observar como a narrativa apropria-se da realidade, e a partir do humor desconstrói estereótipos e ressignifica as relações humanas e as concepções de mundo.

Conforme as observações de Vânia Costa (2011), salienta-se que a nacionalidade brasileira se edificou sobre um discurso que subjuga e eclipsa o discurso do colonizado, assim como ocorreu em outros países que foram colonizados, e é essa dominação discursiva que a autora deseja colocar em discussão. Portanto, as reflexões da jornalista são importantes para esta releitura, pois ajudam a compreender o contexto histórico amazônico e suas versões pouco conhecidas, além de evidenciar as vozes silenciadas pelo discurso dominante.

De acordo com Mesquita (2006), no final do século XIX, Manaus passou por várias transformações urbanas que perduraram pelo início do século XX, avaliado por alguns amazonenses como um período prospero. Porém, ao final da primeira década do século XX iniciava-se o declínio econômico de Manaus. Costa (2011) destaca que o período próspero da Amazônia se iniciou com a extração da borracha, entre 1850 e 1915 e, na memória coletiva, essa época ficou conhecida como a *Belle Époque* amazônica, marcada pelo enriquecimento de famílias, pelo investimento em monumentos artísticos como o Teatro Amazonas e etc. Porém, essa autora ressalta que outra versão dessa história é pouco conhecida, justamente devido à manipulação da memória coletiva, isto é, as condições de trabalho dos seringueiros eram de exploração, e o enriquecimento proveniente da extração da borracha restringiu-se aos coronéis, pois os seringueiros não se beneficiaram com os frutos dessa fase de prosperidade. O próprio Milton Hatoum afirma que “[...] A modernidade de Manaus foi, na verdade, efêmera e para poucos” (HATOUM, 2006, p. 58).

Segundo Costa (2011, p. 54), “de 1966 a 1985 há a consolidação de um projeto nacional para a modernidade instituído pelo regime militar, decorrente de uma estratégia nacional” e esse projeto envolvia a Amazônia. Esse aspecto da modernização aparece com desaprovação na fala do narrador principal (Olavo), que embora não se manifeste a respeito do regime militar, não vê com bons olhos a ‘modernização’ da sua cidade, conforme se verifica no excerto a seguir.

Em pouco tempo Manaus crescera tanto que Mundo não reconhecera certos bairros. Ele só presenciara o começo da destruição; não chegara a ver a reforma urbana do Coronel Zanda, as praças do centro, como a nove de novembro, serem rasgadas por avenidas e terem todos os seus monumentos saqueados. Não viu sua casa ser demolida, nem o hotel gigantesco erguido no mesmo lugar (HATOUM, 2005, p. 258-259).

A zona franca de Manaus (grande polo industrial), por exemplo, foi criada em 1957, após anos de enfraquecimento econômico, em virtude da decadência do ciclo da borracha, e reformulada em 1967, pelo presidente Marechal Castelo Branco, que fazia parte do regime militar e buscou apoio financeiro do governo estadunidense. A rodovia Transamazônica, que tinha o objetivo de integrar a Amazônia ao restante do Brasil, foi um projeto do governo Médici, na década de 1970, porém falhas no projeto de integração nacional impediram sua concretização completa.

Inicialmente, *Cinzas do Norte* apresenta uma Manaus tradicional, que mantém as influências de Portugal, com seus palacetes neoclássicos e o teatro Amazonas adornado pelas pinturas de Domenico de Angelis, mas aos poucos essa tradição vai sendo substituída devido

às demandas da modernidade, as quais resultam em riqueza para alguns e miséria para outros habitantes da cidade. Olavo relata um encontro com o personagem Arana (pai biológico de Raimundo), em que se observam as condições de vida dos habitantes que não foram beneficiados pela modernização:

Da sombra do oitizeiro uma mulher idosa veio rastejando: ficou agachada aos pés de Arana e lhe puxou a bainha da calça. Ele deu um coice no braço da velha, que caiu de costas. Ela ergueu a cabeça: “Doutor de merda”. “Um inferno! Não me deixam em paz”, disse ele, os olhos no chão. **“Todo domingo o pessoal do bairro vai ciscar comida no ateliê. Não me sinto culpado por tanta desgraça. Quando Mundo foi se despedir de mim, não gostou de ouvir isso”** [...] Virou a cabeça: pressentira a sombra da mulher aos pés dele, e me puxou para perto da parede; tirou da carteira uma cédula, a dobrou e atirou ao tronco da árvore. Olhou para a roda de mendigos e fez uma careta de asco: leprosos. Enxugou a boca com o lenço. (HATOUM, 2005, p. 226, grifo nosso).

Por outro lado, é preciso destacar que, embora o romance de Hatoum abra espaço para a desconstrução dos estereótipos sobre a Amazônia, isso acontece de maneira ainda tímida, uma vez que o foco da narrativa é o conflito e a decadência familiar. Nota-se que os exemplos nos quais se percebe essa desconstrução se referem a personagens secundários, o que pode fazer com que a discussão seja eclipsada pelos conflitos vividos pelos protagonistas. Além disso, a maioria dos exemplos tem como porta voz o personagem Ranulfo, que se apresenta como uma voz subterrânea; até mesmo o protagonista Raimundo, que desaprova a exploração dos caboclos e dos povos indígenas, acaba se tornando uma voz subterrânea que não conseguiu enfrentar o pai, quiçá a sociedade. Por fim, a narração de Olavo é complementada pela narração de Ranulfo e, mais que isso, o fato de dar voz a outro narrador está relacionado com a ambiguidade da própria história narrada. Embora a história contada seja a mesma, o foco da narração muda bastante de acordo com cada narrador. Nesse sentido, *Cinzas do Norte* pode significar uma tentativa de despertar o indivíduo para as memórias subterrâneas e para o que a história oficial deixou de dizer, conforme Pollak (1989).

Considerações Finais

Ao final desses apontamentos, o que se percebe é a necessidade de ampliar o conhecimento acerca da literatura produzida na Amazônia. Além disso, convém desconfiar dos parâmetros de qualificação dessa literatura e observar em que medida o eurocentrismo continua a influenciar a valoração da literatura brasileira e em que medida a literatura brasileira se propõe a desvincular-se desses padrões.

Ademais, ainda que de maneira diluída, *Cinzas do Norte* mostra sinais de que é preciso recontar as narrativas sobre a região amazônica, redescobrir sua cultura e pluralidade e desconstruir os estereótipos sobre seu povo.

Referências

AIRES, R. dos A. Literatura brasileira de expressão amazônica: perspectivas e Concepções. **Revista Letras Escreve**. Macapá, v. 5, n. 1, 1º semestre, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/1665> Acesso em: jan. 2020.

ALMEIDA, M. G. O Judas em sábado de Aleluia: no mínimo gesto, o valor artístico nas comédias de costumes de Martins Pena. **Contraponto** – Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação e História do Brasil da UFPI. Teresina, v.8, n.1, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/contraponto/article/view/9508/5508>. Acesso em: fev. 2020.

BRAGA, J. S. O pathos do exílio no escritor Milton Hatoum. *In: CIFEFIL - CÍRCULO FLUMINENSE DE ESTUDOS FILOSÓFICOS E LINGUÍSTICOS*. v. XVII, n. 05. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvii_cnlf/resumos/o_pathos_do_exilio_JOYCE.pdf. Acesso em: set. 2017.

COSTA, V. M. T. **'À sombra da floresta'**: os sujeitos amazônicos entre estereótipo, invisibilidade e colonialidade no telejornalismo da Rede Globo. 2011. Tese (Doutorado Comunicação e Mediação) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Artes e Comunicação Social. Niterói, 2011.

FERNANDES, J. G. dos S. Literatura brasileira de expressão amazônica, Literatura da Amazônia ou Literatura amazônica? *Revista Graphos*. João Pessoa, Ano VI. N. 2/1, Jun./Dez., 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/9540>. Acesso em: jan. 2020.

FLORY, A. V. Literatura e História: Relações e Mediações. *In: BONNICI, Thomas. FLORY, Alexandre. V. PRADO, Márcio R. (Orgs.). Margens Instáveis: tensões entre teoria, crítica e história da literatura*. Maringá: Eduem, 2011.

GOMES, G. M. A Manaus de Milton Hatoum em Cinzas do Norte. **Nau literária: Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**. Vol. 3, nº 1. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/4886>. Acesso em: set. 2018.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice Books, 1990. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf. Acesso em: set. 2018.

HATOUM, M. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HATOUM, M. Amazonas: capital Manaus. *In: NUNES, B. HATOUM, M. Crônica de duas cidades: Belém e Manaus*. Belém: Secult, 2006.

HATOUM, M. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LEAL, B. A. **Nas trilhas de Milton Hatoum: um breve estudo de uma trajetória intelectual**. 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas/UFAM. Amazonas, 2010. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/3387>. Acesso em: maio 2018.

MAGALHÃES, M. O hiato do presente. **Revista Ecos**, Edição 009, n.2, p.149-167, 2010. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/941/934>. Acesso em: mai. 2018.

MESQUITA, O. M. **Manaus: história e arquitetura**. 2ª ed. Editora Valer, 2006.

MIRANDA JUNIOR, W. M. **As Cinzas da Cidade: cenas e vivências manauaras na ficção de Milton Hatoum**. 2013. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2013. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/183>. Acesso em: set. 2017.

NUNES, P. J. M. **Literatura paraense existe?** *In: BARROS, Paulo Tarso*. Blog: Literatura no Amapá. Amapá, 15 jan. 2008. Disponível em: <http://escritoresap.blogspot.com/2008/01/artigo-do-professor-paulo-nunes.html>. Acesso em: jan. 2020.

NUNES, P. J. M. **Útero de areia**, um estudo do romance 'Belém do Grão-Pará', de Dalcídio Jurandir. 2007. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <https://www.dalcidiojurandir.com.br/pdf/estudos-academicos/utero-de-areia-um-estudo-do-romance-belem-do-grao-pa-ra-dalcidio-jurandir.pdf>. Acesso em: fev. 2020.

PINHEIRO, M. L. A construção da verossimilhança em Cinzas do Norte. **Manuscrita**, São Paulo, p.168-183 2012. Disponível em: <http://www.revistas.fflch.usp.br/manuscritica/article/view/1130> Acesso em: maio 2018.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, p.3-15, 1989. Tradução: Dora Rocha Flaksman. Disponível em: <http://www.culturaegenero.com.br/download/silencio.pdf>. Acesso em: set. 2018.

SELIGMANN-SILVA, M. Apresentação da questão A literatura do trauma. In: **Hisória, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SILVA, M. C. Materialismo Lacaniano. In: BONICCI, Thomas & ZOLIN, Lucia O. (Org.). **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 211-216.

SOUZA, M. Literatura na amazônia, ou literatura amazônica? **Revista Sentidos da Cultura - Belém/Pará**. V.1. N. 1. Jul-dez/2014. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/sentidos/article/view/351/328>. Acesso em: fev. 2020.

VIEIRA, N. C. F. **Exílio e memória na narrativa de Milton Hatoum**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2007. Disponível em: http://www.miltonhatoum.com.br/wp-content/uploads/2010/10/disserta%C3%A7%C3%A3o_NoemiCamposFreitasVieira.pdf. Acesso em: nov. 2018.

Recebido em 08 de fevereiro de 2020.

Aceito em 13 de julho de 2020.